

Anna Kavan

GELO

«O leitor ansiará por mergulhar no seu universo
metálico e poeticamente surreal.»

PATTI SMITH



cavalo de ferro

UM

Estava perdido, começava a anoitecer, andava a guiar há horas e já praticamente não tinha gasolina. A ideia de ficar empanado na escuridão destas colinas isoladas apavorava-me, pelo que fiquei muito satisfeito ao ver um letreiro e poder parar numa bomba de gasolina. Quando abri a janela para falar com o empregado, o ar estava tão frio que tive de levantar a gola do casaco. Enquanto enchia o depósito, foi comentando o estado do tempo:

– Não me lembro de ter estado tanto frio neste mês. E os meteorologistas dizem que aí vem um nevão terrível.

Tinha passado a maior parte da minha vida no estrangeiro, como militar, ou a explorar zonas remotas: mas, embora tivesse acabado de regressar dos trópicos e um nevão não significasse grande coisa para mim, fiquei impressionado com o tom agoirento daquelas palavras. Ansioso por continuar a minha viagem, perguntei-lhe o caminho para a aldeia onde queria chegar.

– Não vai conseguir dar com isso de noite, fica afastada da estrada principal. E as estradas nas colinas são perigosas quando estão cobertas de gelo.

Parecia querer dar a entender que só um louco continuaria a guiar naquelas condições, o que me deixou bastante irritado. Então, interrompendo as suas complexas indicações, paguei-lhe e fui-me embora, ignorando o último aviso que me gritou:

– Cuidado com o gelo!

Com tudo isto, tinha acabado por escurecer bastante, e, ao fim de pouco tempo, vi-me irremediavelmente perdido. Sabia que devia ter dado

ouvidos ao tipo, mas ao mesmo tempo desejava nem sequer ter falado com ele. Por uma qualquer razão para mim desconhecida, aqueles reparos tinham-me deixado incomodado; pareciam um mau presságio para a expedição, e comecei a arrepender-me de ter embarcado nela.

Duvidei da viagem desde o princípio. Tinha chegado no dia anterior e devia ter ficado a tratar de algumas coisas na cidade em vez de ir visitar uns amigos no campo. Eu próprio não percebia a minha compulsão em ver aquela rapariga, que não me saíra da cabeça durante o tempo em que estivera fora, embora não tivesse sido ela a motivar o meu regresso. Tinha voltado para investigar os rumores de uma misteriosa e iminente emergência naquela parte do mundo. Mas, mal lá cheguei, tornou-se uma obsessão, não conseguia pensar em mais nada a não ser nela, sentia que tinha de a ver imediatamente, que nada mais interessava. Eu tinha a perfeita noção de que estava a ser profundamente irracional. Tal como a inquietação que sentia naquele momento: não era provável que me acontecesse nada de mal no meu próprio país; apesar disso, embora continuasse a conduzir, fui sentindo uma ansiedade crescente.

Para mim, a realidade tinha sido sempre uma coisa cuja quantidade me era desconhecida. O que, por vezes, podia tornar-se perturbador. Por exemplo, por aquela altura, eu já tinha visitado a rapariga e o marido, e tinha uma recordação nítida da paisagem pacífica e próspera que lhes rodeava a casa. Mas essa recordação estava a esbater-se rapidamente, tornava-se cada vez menos convincente, mais indistinta, à medida que a minha viagem prosseguia sem que me cruzasse com nenhum outro carro, sem que me aproximasse de uma qualquer aldeia, sem que visse luzes fosse onde fosse. O céu estava negro, com sebes abandonadas e ainda mais negras a erguer-se ao seu encontro; e quando, aqui e ali, os faróis iluminavam construções rentes à estrada, também elas eram negras, aparentemente desabitadas e mais ou menos arruinadas. Era como se toda a região tivesse sido dizimada na minha ausência.

Comecei a duvidar da possibilidade de a encontrar no meio daquela desordem geral. A sensação que tinha era que tinha sido impossível ter subsistido ali alguma forma de vida organizada desde que uma qualquer catástrofe obliterara as aldeias e destruíra as quintas. Pelo que me era dado ver, não tinha sido feita qualquer tentativa de repor a normalidade. Nada tinha sido reconstruído, as terras estavam todas por trabalhar e não havia animais nos campos. A estrada estava completamente estragada, os buracos asfixiavam com tanta erva, e as bermas eram um desleixo, dando a toda a região um ar abandonado e deserto.

Um punhado de pequenas pedras brancas bateu no pára-brisas. Assustei-me. Há tanto tempo que não passava por um Inverno no Norte que não percebi o fenómeno. O granizo transformou-se rapidamente em neve, diminuindo a visibilidade e tornando a condução difícil. Estava um frio de rachar, e fui-me apercebendo da existência de uma ligação entre este facto e o meu nervosismo crescente. O homem do posto de abastecimento tinha dito que não se lembrava de alguma vez ter tido tanto frio nesta altura, e a minha impressão era a de que ainda era cedo demais para já haver gelo e neve na estação do ano em que estávamos. De repente, a minha ansiedade tornou-se tão intensa que me apeteceu voltar atrás, regressar à cidade; mas a estrada era demasiado estreita, pelo que fui obrigado a seguir as suas intermináveis subidas e descidas cheias de curvas por entre a escuridão sem vida. A estrada foi piorando, tornando-se cada vez mais íngreme e escorregadia. Por não estar habituado a tanto frio, doía-me a cabeça, do esforço de fixar os olhos para tentar evitar as manchas gelo, onde podia perder o controlo do carro, se derrapasse. Sempre que, de vez em quando, os faróis incidiam de relance sobre ruínas à beira da estrada, essa visão fugaz apanhava-me de surpresa e desaparecia antes de eu poder ter a certeza de as ter realmente visto.

Uma brancura sobrenatural começou a emergir das bermas. Passei por um espaço vazio e tentei espreitar. Por um momento, os faróis do carro iluminaram, como se fossem holofotes, o corpo nu da rapariga,

pequeno como o de uma criança, como um fragmento de marfim contra o branco morto da neve, e com os cabelos a brilhar como fibra de vidro. Não olhou na minha direcção. Imóvel, mantinha os olhos fixos nas paredes que se aproximavam lentamente dela, um círculo vidrado e cintilante de gelo, cujo centro era ela. Dos penhascos de gelo saíam clarões que lhe passavam muito acima da cabeça; em baixo, as extremidades mais distantes de gelo quase já tinham chegado até ela, imobilizando-a, duras como cimento à volta dos pés e dos tornozelos. Vi a camada de gelo a aumentar, cobrindo-lhe os joelhos e as ancas, vi-a abrir a boca, um buraco negro no rosto branco, ouvi o seu grito débil e agonizante. Não tive pena dela. Pelo contrário, senti um prazer indescritível ao vê-la sofrer. Critiquei a minha própria indiferença, mas não podia negá-la. Era o produto de vários factores que, no entanto, não podiam ser vistos como circunstâncias atenuantes.

Em tempos, tinha estado apaixonado por ela, tinha querido casar-me com ela. Ironicamente, nessa altura, o meu objectivo tinha sido protegê-la da indiferença do mundo, que a sua timidez e fragilidade pareciam suscitar. Era demasiado sensível, terrivelmente tensa, cheia de medo das pessoas e da vida; a sua personalidade tinha sido prejudicada por uma mãe sádica que a mantinha num estado permanente de submissão medrosa. A primeira coisa que tinha sido obrigado a fazer fora conquistar-lhe a confiança, e por isso fui sempre delicado com ela, tive sempre o cuidado de refrear os meus sentimentos. Ela era tão magra que, quando dançávamos, tinha medo de a aleijar se a abraçasse com força. Os seus ossos salientes pareciam quebradiços, os dos pulsos, quase a romper a pele, geravam em mim um fascínio especial. O cabelo era deslumbrante, branco-prateado, como se fosse o de um albino, reluzente como o luar, como vidro veneziano iluminado pelo luar. Tratava-a como se fosse de vidro; às vezes, era difícil vê-la como algo real. Pouco a pouco, foi perdendo o medo de mim, demonstrando um afecto infantil, mas continuava a ser tímida e esquiva. Achava que lhe tinha demonstrado que podia confiar em mim e que a espera não

me importava. Ela parecia prestes a aceitar-me, embora a imaturidade tornasse difícil avaliar a sinceridade dos seus sentimentos. Talvez a sua amizade não fosse completamente fingida, embora me tivesse trocado repentinamente pelo homem com quem agora era casada.

Mas esta história pertencia ao passado. No entanto, as consequências desta experiência traumática ainda estavam patentes nas insónias e nas dores de cabeça de que sofria. Os medicamentos que me recebiam provocavam-me sonhos horríveis; neles, ela aparecia sempre como uma vítima indefesa, com o seu corpo frágil cheio de fracturas e feridas. Estes sonhos não estavam confinados apenas ao sono, tendo como lamentável efeito secundário o prazer que tinham acabado por me proporcionar.

A visibilidade tinha melhorado, não porque a noite estivesse menos escura, mas porque tinha deixado de nevar. Avistei as ruínas de um forte no cimo de uma colina íngreme. Sobrava a torre, tinha sido esventrado, e os buracos onde outrora teriam estado janelas eram como bocas abertas. Aquele lugar parecia-me vagamente familiar, como que uma distorção de algo de que mais ou menos me lembrava. Achava que o reconhecia, pensava que já o tinha visto, mas não conseguia ter a certeza, porque só lá tinha estado no Verão, altura em que tudo tinha um aspecto bastante diferente.

Dessa vez, quando aceitei o convite do marido, desconfiei que tivesse um motivo oculto para me convidar. Ele era pintor, não a sério, um diletante; uma daquelas pessoas que têm sempre imenso dinheiro e parecem sempre não fazer nada. Talvez tivesse uma fonte de rendimento qualquer: mas suspeitava que ele era uma coisa diferente do que aparentava. O calor com que fui recebido surpreendeu-me, ele não podia ser mais simpático do que foi. De qualquer forma, mantive-me à defesa.

A rapariga quase não disse nada, sempre de pé ao lado dele, a olhar de viés para mim com aqueles grandes olhos por entre as longas pestanas. A presença dela afectou-me muito, embora não tenha conseguido perceber como. Tinha dificuldade em falar com os dois. A casa ficava

no meio de um bosque de faias, rodeada tão de perto por árvores altas que parecia que estávamos no cimo das árvores, com ondas de densa folhagem verde a rebentar rente a cada janela. Lembrei-me de uma raça quase extinta de lémures conhecidos como indris, que viviam nas árvores da floresta de uma longínqua ilha tropical. Os hábitos delicados e afectuosos e as estranhas vozes melodiosas daqueles seres quase lendários tinham-me impressionado muito, e comecei a falar deles, perdendo-me com o fascínio do tema. Ele parecia interessado. Ela não disse nada, e, passado pouco tempo, deixou-nos sozinhos e foi tratar do almoço. A conversa tornou-se mais fácil quando ela saiu.

O Verão ia a meio, o tempo estava muito quente, o restolhar das folhas lá fora produzia um som fresco e agradável. A simpatia do homem manteve-se. Parecia que me tinha enganado em relação a ele e comecei a ficar envergonhado com as minhas suspeitas. Disse-me que estava contente com a minha chegada e continuou a falar da rapariga.

– Ela é terrivelmente tímida e nervosa; faz-lhe bem estar com alguém de fora. Está muito sozinha aqui.

Não pude deixar de pensar no que ele saberia de mim, no que ela lhe teria dito. Parecia absurdo continuar à defesa; mesmo assim, continuou a haver alguma reserva na minha reacção à conversa simpática dele.

Fiquei alguns dias em casa deles. Ela passou o tempo a evitar-me. Só a via quando ele também estava presente. O tempo quente assentara arraiais. Ela usava vestidos curtos, leves, muito simples, que lhe deixavam os ombros e os braços à mostra, sem meias, com umas sandálias de criança. Ao sol, o seu cabelo tornava-se ofuscante. Sabia que jamais conseguiria esquecê-la. Reparei que tinha havido nela uma mudança considerável; estava muito mais confiante. Sorria com maior facilidade e numa certa ocasião, no jardim, ouvi-a cantar. Quando o homem a chamou, largou a correr. Era a primeira vez que a via feliz. Só quando falava comigo é que ainda mostrava um certo confrangimento. Quando a minha visita se aproximou do fim, ele perguntou-me se tinha falado a sós com ela. Disse-lhe que não.

– Fala com ela antes de te ires embora. Está preocupada com o passado; tem medo de te ter feito infeliz.

Assim sendo, ele sabia. Ela devia ter-lhe contado tudo o que havia para contar. De certeza que não tinha sido muito. Mas eu não iria discutir com ele o que tinha acontecido e disse qualquer coisa evasiva. Ele mudou diplomaticamente de assunto, mas mais tarde retomou-o:

– Queria muito que a cabeça dela estivesse em paz. Vou arranjar uma oportunidade para falares com ela a sós.

Não estava a ver como iria ele ser capaz de o conseguir, uma vez que o dia seguinte era o último que passaria com eles. Partiria ao fim da tarde.

Essa manhã foi a mais quente de sempre. Estava um ar de trovoadas. Já ao pequeno-almoço o calor era sufocante. Para minha surpresa, propuseram que fôssemos dar um passeio. Não podia ir-me embora sem ver um dos sítios mais belos da zona. Falaram de uma colina do cimo da qual se tinha uma vista famosa: eu já tinha ouvido o nome. Quando falei da minha partida, disseram-me que de carro era uma viagem pequena e que voltariamos muito a tempo de eu fazer a mala. Vi que estavam ambos muito determinados e acabei por aceitar.

Levámos comida para fazer um piquenique perto das ruínas de um antigo forte, erguido numa época remota em que se receava uma invasão. A estrada acabava no meio da floresta. Deixámos o carro e continuámos a pé. Com o calor sempre a aumentar, recusei-me a andar depressa, fui ficando para trás e, quando vi que as árvores iam acabar, sentei-me à sombra. Ele veio ter comigo e fez-me levantar.

– Anda daí! Vais ver que vale a pena o esforço da subida.

Aquele entusiasmo levou-me a percorrer o caminho íngreme, sob um sol abrasador, até ao topo da colina, onde, como era devido, admirei a vista. Sem se dar ainda por satisfeito, insistiu comigo que devia admirá-la do cimo das ruínas. Parecia estranho, excitado, quase febril. Por entre a escuridão e o pó, subi atrás dele os degraus cavados na parede da torre, com a sua figura corpulenta a tapar a luz, pelo que não

via nada e podia mesmo ter fracturado a coluna no sítio onde faltava um degrau. No cimo não havia qualquer protecção, e ficámos entre montes de cascalho, sem nada a proteger-nos de uma queda de grande altura, enquanto ele ia estendendo o braço numa e noutra direcção, apontando as diferentes coisas que se avistavam naquela imensidão.

– Há séculos que esta torre é um ponto de referência. Daqui vê-se todo o desfiladeiro. O mar fica ali. Aquilo é o pináculo da catedral. A linha azul mais ao longe é o estuário.

Eu estava mais interessado nos pormenores mais próximos: pilhas de pedras, rolos de arame, blocos de cimento e outros materiais para fazer frente à emergência que lá vinha. Na esperança de ver qualquer coisa que me desse alguma pista sobre a natureza da crise anunciada, aproximei-me da beira e olhei para baixo, para o precipício sem protecção, aos meus pés.

– Cuidado! – avisou-me, a rir. – Podes escorregar ou desequilibrar-te. Sempre que cá venho, penso que é o sítio perfeito para um homicídio.

A gargalhada dele pareceu-me tão peculiar que me voltei para olhar para ele. Aproximou-se de mim, dizendo:

– Imagina que te dou um pequeno empurrão... assim...

Recuei mesmo a tempo, mas desequilibrei-me, tropecei e fui a cambalear até uma saliência quebradiça e instável mais abaixo. Vi o rosto dele a rir-se por cima de mim, escuro contra o céu escaldante.

– A queda seria um acaso, não seria? Sem testemunhas. Só a minha versão do que tinha acontecido. Já reparaste na dificuldade que tens em equilibrar-te? Pelo que se vê, dás-te mal com as alturas.

Quando descemos, estava encharcado em suor e com a roupa coberta de pó.

A rapariga tinha posto a comida sobre as ervas à sombra de uma velha nogueira. Como de costume, falou pouco. Eu não estava com pena nenhuma de que a minha visita estivesse a acabar; havia demasiada tensão no ar e a proximidade dela era demasiado perturbadora. Enquanto comíamos, fui olhando de relance para ela, para o brilho ofuscante

do seu cabelo, para a sua pele pálida, quase transparente, para os ossos dos pulsos, espetados e quebradiços. O marido tinha perdido aquele novo entusiasmo e ficou um pouco taciturno. Pegou num bloco de desenhos e foi dar uma volta. Não lhe conseguia perceber os estados de espírito. Ao longe surgiram nuvens carregadas; senti a humidade no ar e percebi que não tardaria muito a começar uma trovoada. O meu casaco estava sobre as ervas, ao meu lado; dobrei-o para que servisse de almofada, encostei-o ao tronco da árvore e pousei nele a cabeça. A rapariga estava deitada ao comprido sobre o talude de ervas, um pouco abaixo de mim, com as mãos entrelaçadas sobre a testa para proteger a cara da luz candente. Estava praticamente imóvel, não falava, com os braços estendidos a revelar uma ligeira aspereza e o tom escuro dos sovacos rapados, onde pequenas gotas de suor brilhavam como orvalho. O seu vestido deixava entrever as curvas suaves do corpo de criança: vi que não trazia nada por baixo.

Estava agachada à minha frente, um pouco mais abaixo no caminho, com a pele menos branca do que a neve. Grandes penhascos de gelo aproximavam-se de todos os lados. A luz era fluorescente, uma luz fria, gélida, uniforme, desassombrada. Não havia sol, nem sombras, nem vida – era um frio de morte. Estávamos no centro de um círculo que se ia fechando. Tinha de tentar salvá-la.

– Sobe para aqui – gritei-lhe. – Depressa!

Ela voltou a cabeça, mas sem se mexer, com os cabelos a tremeluzir como prata embaciada sob a luz insípida. Fui ter com ela e disse-lhe:

– Não estejas tão assustada. Prometo que vou salvar-te. Temos de ir para o cimo da torre.

Ela pareceu não perceber, talvez não ouvisse por causa do estrondo do gelo a aproximar-se. Agarrei nela e puxei-a para cima: era fácil, quase não tinha peso. Parei nas ruínas, agarrando-a com um braço, olhei em redor e percebi imediatamente que era inútil ir para um sítio mais alto. A torre ia tombar; iria desmoronar-se e ficar instantaneamente pulverizada sob milhões de toneladas de gelo. O frio parecia

queimar-me os pulmões, de tão perto que o gelo estava. Ela tremia violentamente; já tinha os ombros gelados. Cheguei-a mais para mim e, envolvendo-a com os braços, apertei-a contra o meu corpo.

Tínhamos pouco tempo, mas pelo menos partilharíamos o mesmo fim. O gelo engolira já a floresta, as últimas filas de árvores desfaziavam-se. Os seus cabelos prateados tocaram-me na boca – estava apoiada em mim. Depois perdi-a; as minhas mãos não conseguiram voltar a encontrá-la. O tronco de uma árvore que fora arrancada dançava pelo céu, projectado a centenas de metros pelo impacto do gelo. Houve um clarão e tudo tremeu. A minha mala estava aberta em cima da cama, ainda por acabar. As janelas do meu quarto estavam abertas de par em par e as cortinas invadiram o quarto. Lá fora, as copas das árvores abanavam e o céu tinha escurecido. Não vi chuva, mas os trovões continuavam a ouvir-se uns a seguir aos outros, e quando olhei lá para fora, houve outro relâmpago. A temperatura tinha baixado vários graus desde a manhã. Vesti o casaco à pressa e fechei a janela.

Afinal, tinha ido pela estrada certa. Depois de um túnel entre sebes por podar que se tocavam lá no alto, serpenteava através do escuro bosque de faias, acabando à frente da casa. Não se via qualquer luz. A casa parecia degradada, desabitada, como todas as outras por que tinha passado. Buzinei várias vezes e fiquei à espera. Era tarde, podiam estar deitados. Se ela ali estivesse, tinha de a ver; era só isso. Ao fim de algum tempo, o homem apareceu e convidou-me a entrar. Desta vez, não pareceu nada satisfeito por me ver, o que era compreensível, caso eu o tivesse acordado. Pareceu-me que trazia um roupão vestido.

A casa não tinha electricidade. Ele entrou primeiro e acendeu uma lanterna. Eu continuei com o casaco vestido, embora da lareira da sala viesse algum calor. Sob a luz da lanterna, fiquei admirado por ver como ele tinha mudado tanto enquanto eu estivera no estrangeiro. Parecia mais pesado, mais duro, mais violento; a expressão simpática desaparecera. Afinal, não era um roupão que trazia, mas antes o sobretudo comprido de uma farda qualquer e que lhe dava um ar estranho.

As minhas antigas suspeitas vieram ao de cima; tinha à minha frente alguém que se aproveitava da emergência ainda antes de ela chegar. O rosto dele não me pareceu nada amigável. Pedi desculpa por chegar tão tarde, explicando que me tinha perdido. Ele estava a embebedar-se. Sobre uma mesa pequena havia várias garrafas e copos.

– Bem, façamos um brinde à tua chegada.

Não se lhe via cordialidade nos gestos, nem na voz, que tinha um tom sardónico que nele era novo. Serviu-me uma bebida e sentou-se, com o sobretudo comprido a tapar-lhe os joelhos. Procurei o bolso volumoso, a coronha saliente, mas não se via nada do género por baixo do casaco. Sentámo-nos a beber. Fui conversando sobre as minhas viagens, à espera de a ver aparecer. Não havia sinal dela; nem um som vindo do resto da casa. Ele não falou dela, e tive a certeza de que o fazia deliberadamente, tal o ar de gozo e de malícia. A memória que tinha da sala como um lugar encantador era contrariada pelo seu aspecto abandonado e sujo. Tinham caído bocados de estuque do tecto, havia rachas profundas nas paredes, como se tivessem resultado de uma explosão, manchas escuras nas quais a chuva se tinha infiltrado, e, além de tudo isso, a devastação no exterior. Quando já não conseguia controlar a impaciência, perguntei como é que ela estava.

– Está a morrer – disse, com um sorriso rasgado e maldoso, perante a minha exclamação. – Estamos todos.

Era a ideia dele de uma piada à minha custa. Percebi que ele tencionava impedir que nos encontrássemos.

Mas eu precisava de a ver; era vital.

– Vou-me já embora e deixo-te em paz. Mas importas-te de me dar primeiro qualquer coisa para comer? Não como nada desde o meio-dia – disse.

Ele saiu e, num tom duro e autoritário, mandou-a trazer comida. A destruição no exterior era contagiosa e tinha contaminado tudo, incluindo a relação deles e o aspecto da sala. Ela trouxe um tabuleiro com pão e manteiga, um prato com presunto, e observei-a atentamente

para ver se o seu semblante também tinha mudado. Só me pareceu mais magra do que nunca, quase transparente. Manteve-se em silêncio e pareceu assustada, retraída, como era quando a conhecera. Estava desejoso de lhe fazer perguntas, de falar a sós com ela, mas não tive oportunidade. O marido não tirou os olhos de nós, em todo aquele tempo enquanto continuou a beber. O álcool tornava-o irascível; zangou-se quando me recusei a beber mais, determinado a armar uma discussão comigo. Sabia que devia ir-me embora, mas tinha uma dor de cabeça abominável que me causava alguma relutância em mexer-me. Estava constantemente a pressionar os olhos e a testa com a mão. Evidentemente, a rapariga reparou nisso, porque saiu da sala por um instante e voltou com qualquer coisa na palma da mão, murmurando:

– Uma aspirina para a tua cabeça.

– O que é que estás a segredar-lhe? – perguntou, num tom violento. Comovido pela atenção dela para comigo, gostaria de ter feito mais do que agradecer-lhe; mas o ar carrancudo dele era tão feroz que me levantei para me ir embora.

Ele não me acompanhou à porta. Fui descobrindo o caminho, na escuridão, tateando as paredes e os móveis, e vi-me perante um pálido brilho da neve quando abri a porta da rua. Estava tanto frio que entrei rapidamente no carro e liguei o aquecimento. Ao levantar os olhos do *tablier*, vi-a gritar suavemente qualquer coisa, mas apenas apanhei as palavras «promete» e «não te esqueças». Liguei os faróis, vi-a à porta com os braços entrelaçados sobre o peito. O rosto tinha uma expressão de vítima – e era, sem dúvida, uma vítima psicológica, devido aos danos que lhe tinham sido causados durante a infância; vi-o sob a forma do vestígio mais ténue possível de uma nódoa negra na pele extremamente delicada, fina e branca dos seus olhos e da sua boca. De certa forma, atraiu-me loucamente. Quase não tinha reparado nela antes de o carro começar a andar; estava a carregar no acelerador automaticamente, pois não acreditava que o motor trabalhasse com aquele frio gélido. Ao mesmo tempo, naquilo que considerei ser uma ilusão óptica,

o interior escuro da casa prolongou-se num braço e numa mão negros que apareceram de rompante e a agarraram com tamanha violência que o seu rosto branco, em choque, se desfez em pedaços, ao mesmo tempo que ela caía para dentro da escuridão.

Não conseguia esquecer a deterioração da relação de ambos. Enquanto ela foi feliz, afastei-me, ignorei a situação. Agora sentia-me implicado, novamente envolvido com ela.

Num mundo dominado pela destruição, a guerra e o pânico, um protagonista sem nome vagueia por uma paisagem surreal, mas familiar, em demanda de uma estranha jovem mulher de cabelos prateados. Nesta busca insistente e obsessiva, atravessa mares e planícies geladas, ruínas de cidades saqueadas, lutando contra o tempo numa missão que tem tanto de real quanto de imaginário: salvar esta «rapariga de vidro» antes que o mundo conhecido se encerre no interior de uma muralha de gelo.

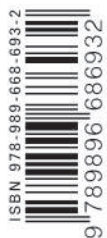
Publicado originalmente em 1967, um ano antes da morte da autora, e de imediato celebrado como uma das obras literárias mais inovadoras e extraordinárias do seu tempo, *Gelo* foi precursor de um novo género de ficção que seria mais tarde identificado nas obras de autores como J. G. Ballard, Philip K. Dick ou Haruki Murakami.

«Anna Kavan escreveu alguma da ficção mais marcante e original do século xx.»

The Paris Review

«Não há nada que se assemelhe.»

Doris Lessing



cavalo de ferro